

O DISCURSO DA TV SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL A PARTIR DA SÉRIE DE REPORTAGENS “TERRA, QUE TEMPO É ESSE?” DO JORNALÍSTICO FANTÁSTICO.

Helaine Matos
Universidade Federal do Ceará – UFC
helaineism@gmail.com

Edinaldo Santos
Universidade Federal do Ceará – UFC

Jackeline Alvarenga
Universidade Federal do Ceará – UFC

Marta Celina Linhares Sales
Universidade Federal do Ceará – UFC

CLIMATOLOGIA: APORTES TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E TÉCNICOS.

Resumo

Notícias sobre as mudanças climáticas aparecem estampadas com frequência nos mais variados meios de comunicação do Brasil e do mundo. Como sinônimo desse processo, o aquecimento global e efeito estufa estão associados a essa realidade que tem causas incertas para a ciência. De um lado, pesquisadores que acreditam e defendem que a terra aqueceu quase 0,6°C nos últimos 150 anos por fatores antropogênicos, teoria defendida pelo quarto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima, chamado de IPCC-AR4. Do outro lado, os que defendem esse aquecimento como parte de um processo natural e que o homem não tem a capacidade de mudar o clima a nível global, somente em escala local e consideram os modelos climáticos e matemáticos utilizados pelo IPCC não confiáveis. Não cabe aqui defender qual das teorias é verdadeira, mas sim, analisar de que forma o tema está chegando a população através dos meios de comunicação. O *corpus* deste trabalho é a série de reportagens “Terra, que tempo é esse?” do jornalístico Fantástico, da emissora Rede Globo que foi exibida no ano de 2010 antecipando as discussões da 16ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, COP-16, realizada no México no mesmo ano. Baseado na hipótese de que a TV é o meio de comunicação de maior alcance, analisa-se neste trabalho como a informação transmitida contribui para o esclarecimento da opinião pública sobre mudanças climáticas e de que maneira o discurso foi construído.

Palavras – Chave: Mudanças Climáticas; Divulgação Científica; Formação de Opinião;

Abstract

News about climate change are often stamped in various media of Brazil and the world. As synonym of this process, the greenhouse effect and global warming are associated this reality with uncertain causes for science. On one side scientists that believe and claim that the earth heated almost 0.6 ° C in the last 150 years because anthropogenic factors, theory advocated in the fourth report of the Intergovernmental Panel on Climate Change, IPCC-AR4. Opposite, the scientists say this warming as part of natural process and the man has not capacity to change the climate globally, only locally and think the climate models and mathematical used by the IPCC are unreliable. This paper doesn't defend which two theories are true, but to analyze how this subject is reaching to population by the media. The *corpus* of this work is the series of reports "Terra, que tempo é esse?" of journalistic program Fantástico, of TV Globo published in 2010 before 16th United Nations Climate Change Conference, COP-16, held at Mexico in the same year. Based on the hypothesis that the TV is the bigger media, this paper analyzes how the information transmitted can help in the understanding of public opinion about climate change and how the discourse was constructed.

Key-words: Climate Change; Science Communication; Opinion Formation;

Introdução

As discussões e a visibilidade que a temática das mudanças climáticas ganhou nas últimas décadas no cenário acadêmico e social é incontestável. Os fóruns de discussões sobre o tema estão cada vez mais frequentes e notícias sobre o aumento da temperatura do planeta e suas causas estão estampadas em jornais, revistas, sites e programas de TV de todo o mundo.

Sabendo que o tema é de relevância pública, visto ser o clima elemento de interesse social e econômico sobre os mais variados aspectos, influenciando em diversas áreas e hábitos, desde a agricultura até o modo de vestir das pessoas, estudá-lo e compreender sua dinâmica tornou-se objeto de estudo cada vez mais frequente nas universidades e notícias relacionadas ao tema estão diariamente chegando à população através dos meios de comunicação.

Dentro das universidades as pesquisas sobre esse tema dividem opiniões. De um lado, pesquisadores que acreditam e defendem que a terra aqueceu quase 0,6°C nos últimos 150 anos por fatores antropogênicos, evidenciado nas emissões de gases que intensificaram o efeito estufa, através da produção significativa de CO₂ que é lançado na atmosfera, em especial, após a revolução industrial. As pesquisas nessa linha seguem dados do quarto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima, chamado de IPCC-AR4, divulgado em 2007 pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pela United Nations Environment Programme (UNEP).

Do outro lado, os que defendem esse aquecimento como parte de um processo natural e que se vale da paleoclimatologia, por exemplo, para afirmarem que já houve período mais quente que o atual e que o homem não tem a capacidade de mudar o clima a nível global, somente em escala local e consideram os modelos climáticos e matemáticos utilizados pelo IPCC não confiáveis e, portanto, não utilizáveis para o planejamento das atividades humanas e o bem-estar social (MOLION, 2008, p.71).

A ciência reitera que o clima varia naturalmente, independentemente da ação humana, porque depende da intensidade da radiação solar. Com a aproximação e o afastamento entre Sol e Terra, em determinados ciclos, pode haver um maior ou menor grau de incidência de radiação solar configurando o grau de aquecimento ou resfriamento da Terra ao longo de períodos históricos (RUBIN, 2011, p. 42).

É notório que as incertezas sobre as causas que levam a essa mudança climática e suas projeções são motivações de pesquisas em inúmeros centros acadêmicos do Brasil e do mundo e não cabe aqui defender qual das teorias é verdadeira, mas sim, analisar de que forma o tema está chegando à população através dos meios de comunicação, já que o jornalismo adquiriu ao longo de sua evolução

o papel de agente facilitador da construção da cidadania e da divulgação científica (OLIVEIRA, 2002, p.16).

Dessa forma, a veiculação de notícias sobre as mudanças climáticas configura-se dentro da chamada divulgação científica, que leva à população através dos mais variados meios de comunicação informações sobre ciência e tecnologia (C&T) como parte da própria evolução da atividade jornalística que deixou de noticiar apenas fatos corriqueiros da sociedade para ir além e divulgar pesquisas desenvolvidas em universidades.

(...) O acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas. Entendemos que a formação de uma cultura científica, notadamente em sociedades emergentes como é o caso do Brasil, não é processo simples ou que se possa empreender em pouco tempo. No entanto, entendemos o acesso às informações sobre C&T como um dos mecanismos que pode contribuir de maneira efetiva para a formação de uma cultura científica e deve ser facilitado ao grande público carente delas (OLIVEIRA, 2002, p.13).

Além de funcionar como agente mediador desse tipo de informação científica, a atividade jornalística quando o assunto são as mudanças climáticas é alvo de inúmeras críticas dentro do cenário acadêmico. É como se a relação entre pesquisadores e jornalistas entrasse em conflito. Por um lado, exige-se do jornalista o rigor científico na hora de comunicar, mas o jornalista, com a função de tornar a informação científica clara e de fácil entendimento a todos os públicos esbarra, por vezes, no erro diante da ciência e recebe predicados negativos em função do discurso sensacionalista com que conduz as notícias sobre o aquecimento global.

Infelizmente, tais “Cavalheiros do Apocalipse” influenciam, significativamente, na população leiga, feito obtido pelo sensacionalismo veiculado por meios de comunicação em massa minimizando a discussão e favorecendo, economicamente e politicamente, determinados e limitados atores sociais. É relevante salientar que não se deve, em hipótese alguma, desconsiderar as modificações antrópicas no ambiente natural, em especial na atmosfera; contudo, o “alarmismo” exagerado pode produzir efeitos contrários à sociedade, ao invés de conscientizá-la (TEODORO e AMORIM, 2008, p. 34).

Diante de críticas como essas e acreditando que o jornalismo tem o poder de mediar discussões e pautar ponto de vistas e ações sociais dentro desse contexto cabe neste estudo analisar a construção da notícia sobre o aquecimento global na TV, visto ser esse o meio de comunicação de maior alcance em nosso país, apesar da intensa difusão da internet.

Fatias extremamente consideráveis da população tomam conhecimento das notícias da sua cidade, da sua região, do seu país, bem como do resto do mundo, assistindo diariamente a um dos programas de jornalismo veiculados pelas emissoras de televisão existentes (SQUIRRA, 1989, p. 11).

A TV é o veículo que mais atinge as massas. Estudar a seleção de notícias nesse meio implica, inclusive, entender os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que esse sofre ao fazer suas escolhas, os agentes utilizados na hora da filtragem e nos diferentes cargos da redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões – aqui vale lembrar os estudos de agendamento (*agenda-setting*) que defende que o receptor tende a considerar mais importante os assuntos pautados pela imprensa, isto é, a mídia diz sobre o que falar e pauta os relacionamentos sociais.

É particularmente evidente que o que sabemos sobre numerosos assuntos de interesse público depende enormemente do que nos dizem os veículos de comunicação. Somos sempre influenciados pelo jornalismo e incapazes de evitar esse fenômeno (RIVERS e SCHRAMM apud ERBOLATO, 1991, p.51).

As notícias e o modo como elas chegam à sociedade não são determinados somente pela subjetividade dos profissionais. As exigências e a estrutura das organizações influenciam fortemente na seleção e no enquadramento dado ao produto final da atividade jornalística. Dessa forma, ainda é a televisão que atinge o maior número de pessoas das mais variadas classes sociais. Compreender a construção da notícia e como ela chega até a população por esse meio é de fundamental interesse não só para os estudos em Comunicação, mas para os estudos em Climatologia, já que as notícias divulgadas sobre as mudanças climáticas se valem de fontes acadêmicas e estudos científicos da área.

A notícia de televisão é radicalmente diferente. Ao contrário da notícia de jornal, que não é concebida para ser lida na totalidade, embora adquirindo inteligibilidade, a notícia de televisão é concebida para ser completamente inteligível quando visionada na sua totalidade (TRAQUINA, 1999, p. 299).

Além do poder de alcance na TV, a notícia é uma escolha única dos jornalistas. O público não pode escolher quais acontecimentos gostaria de tomar conhecimento. Nos outros veículos, o receptor não pode saber sobre todos os fatos que poderiam ter virado notícia, mas tem uma variedade maior de assuntos à disposição. O que é apresentado nos telejornais é uma escolha, na maioria das vezes, exclusiva da equipe envolvida na produção do programa telejornalístico. O público pode até pautar alguma discussão, mas, ainda assim é escolha do profissional dar espaço à informação identificada.

Pereira Júnior (2001) entende o telejornal como o meio mais simples, cômodo, econômico e acessível para conhecer e compreender tudo o que acontece na realidade e como se transforma a sociedade.

A importância da notícia é geralmente julgada de acordo com a sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão que, dando ênfase ao aspecto da amplitude, pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou em espetáculo, tratando apenas de questões amenas ou desprovidas de polêmica (CURADO, 2002, p.16).

Tratando-se das mudanças climáticas, informações sobre o tema são cada vez mais comuns nos telejornais. Com um discurso imediatista e isento de imparcialidade a notícia é construída de forma a levar o telespectador a um cenário catastrófico. Se valer desse tipo de notícia através da televisão é ainda mais arriscado do ponto de vista da formação de opinião pública por ser a TV um meio que se vale do visual para atrair o público.

Ela não somente relata o fato, mas utiliza o movimento, a cor, o som e todas as sensações possíveis para aguçar os sentidos do telespectador. Oferece uma informação mais dinâmica, mais fácil de ser interpretada, há presença de imagens em movimento e de um texto mais leve, que não força a visão do telespectador. Todos esses fatores fazem da TV um dos mais eficientes veículos de comunicação. É indiscutível a força e a capacidade de convencimento presentes nas imagens, o que faz do telejornalismo um dos meios mais dinâmicos para difundir notícias se comparados aos demais.

O jornalismo escrito exige um esforço: ler (evidentemente), imaginar, compreender, comparar, julgar, reler se necessário... Ele é de manipulação bastante difícil, inclusive materialmente. Somente uma pessoa pode consultá-lo de cada vez. (SQUIRRA, 2004, p. 51).

Já a TV é um veículo abrangente e de longo alcance. Não distingue classe social ou econômica, atinge a todos. O telejornalismo tem, portanto, que considerar como vai tratar a notícia, em especial a de cunho climatológico, já que ela pode ser vista e ouvida de várias maneiras diferentes.

Independente da audiência ou não de qualquer mídia que se proponha a divulgar informações sobre as mudanças climáticas, o que é válido aqui é analisar essas atitudes e de que forma elas chegam ao público, o que as tornam atrativas e o seu poder de educar e formar opiniões. É certo que ao falar de televisão, não podemos esquecer que estamos falando de uma empresa e como tal requer lucros e crescimento e a notícia não deixa de ser um desses produtos e como tal é pensada no ponto de vista mercadológico, mas ela não deve abandonar de fato, seu caráter social de mostrar a realidade, contar o fato da forma mais clara e verídica possível e através da informação, contribuir com a sociedade. Afinal, a maioria da população assimila o que é noticiado para o seu cotidiano através da TV e isso não pode ser esquecido.

O *corpus* deste trabalho é a série de reportagens “Terra, que tempo é esse?” do jornalístico Fantástico, da emissora Rede Globo que foi exibida no ano de 2010 antecipando as discussões da 16ª

Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, COP-16, realizada no México no mesmo ano.

O que se questiona neste trabalho é até que ponto essa divulgação contribuiu para o esclarecimento da opinião pública sobre mudanças climáticas, aquecimento global e efeito-estufa, do ponto de vista da Climatologia e de que maneira o discurso foi construído, que informações chegaram até o público, quais fontes foram ouvidas nas matérias e se os critérios da isenção e imparcialidade que devem permear a atividade jornalística foram seguidos.

Metodologia

Utilizou-se como metodologia para a execução da pesquisa a análise do discurso, método que surgiu na década de 1960 e tem como principal proposta analisar as condições de produção do discurso levando em conta três aspectos: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural no qual se insere o evento comunicacional (PINTO, 1999).

Dessa forma, aplicou-se a análise do discurso nas nove reportagens do jornalístico semanal Fantástico, da emissora Rede Globo que tratou dos efeitos das mudanças climáticas no mundo. As matérias foram exibidas de outubro a dezembro de 2010, na série intitulada “Terra, que tempo é esse?”

Na análise das reportagens avaliou-se, principalmente, a informação que chegou até o telespectador, as fontes consultadas para a construção das matérias e a isenção e imparcialidade dos jornalistas ao construírem a notícia.

Resultados e Discussões

O programa de TV Fantástico existe desde 1973. É exibido nas noites de domingo, em canal aberto, pela emissora Rede Globo. Tem sua linha editorial pautada por assuntos jornalísticos e de entretenimento e segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), registra uma das maiores audiências do horário entre os canais de TV aberta no Brasil. A série “Terra, que tempo é esse?” foi uma produção própria da emissora, exibida pelo programa Fantástico de outubro a dezembro de 2010 através de 9 reportagens que tratam dos efeitos visíveis do aquecimento global no mundo. Comandado pelos repórteres Sônia Bridi e Paulo Zero que viajaram 12 países do mundo para conhecerem os lugares mais ameaçados pelo aumento de temperatura, as reportagens foram exibidas antes e após a realização da 16ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, COP-16, realizada no México, em 2010. As 9 reportagens trazem as seguintes manchetes:

1. Nova série mostra por que o clima na terra está mudando - Daqui a pouco mais de um mês, vai acontecer no México a COP-16, mais uma reunião dos líderes mundiais para combater o aquecimento global. Se antecipando ao evento, os repórteres Sônia Bridi e Paulo Zero viajaram a

doze países para conhecer de perto os lugares mais ameaçados pelo aumento da temperatura e encontraram paisagens deslumbrantes, sob risco de desaparecer.

2. Oceanos subiram 7 metros só com o derretimento do gelo da Groelândia – Primeira etapa dessa viagem: extremo norte do planeta, o lugar que mais sofre os efeitos das mudanças no clima.

3. Bolívia tem a riqueza do lítio no deserto de sal do Uyuni – Nossos repórteres chegam a um lugar estranho, muito bonito e não longe do Brasil. Uma paisagem que mais parece de outro planeta e que esconde um tesouro, um metal super leve que pode ajudar na luta contra o aquecimento global.

4. Fazenda de cultivo de pérolas está ameaçada de extinção – A China é a maior emissora de gases que provocam o efeito estufa, responsáveis pelo aquecimento e as mudanças climáticas.

5. Ritual do gelo sagrado no Peru já não usa mais gelo – O Peru depende da água do degelo para quase toda a agricultura. Por isso, é um dos países mais sensíveis às mudanças climáticas. A festa religiosa com 30 mil pessoas nos Andes não usa mais o gelo. Em mais um episódio da série Terra, que tempo é esse?, nossos repórteres mostram o ritual do gelo sagrado, uma celebração ancestral que agora, por causa do aquecimento global, não usa mais o gelo.

6. Aumento no nível das águas ameaça Veneza e a pobre Vanuatu – Países formados por ilhas, como Kiribati, Tuvalu e Vanuatu, também sofrem com a elevação dos oceanos e correm o risco de desaparecer ou de afundarem na pobreza.

7. Estudo mostra que o planeta está ficando mais seco – O aumento da temperatura média do planeta pode ser de 4°C até o final do século.

8. Emoção e desastre natural se encontram no monte Kilimanjaro – Os repórteres Sônia Bridi e Paulo Zero sobem ao topo da África para mostra as neves do Kilimanjaro. E explicam porque elas vão acabar.

9. Em Butão, o progresso não é medido só em dinheiro – No país, o turismo financia a educação e a nação quer crescer apostando em serviços, sem a industrialização.

Analisando o enunciado das matérias é perceptível o tom de alarme com que as notícias são construídas diante do tema: “paisagens deslumbrantes, sob risco de desaparecer”, “celebração ancestral que agora, por causa do aquecimento global, não usa mais o gelo”, “correm o risco de desaparecer ou de afundarem na pobreza”, “ porque elas vão acabar”. Alarme que não se limita somente aos enunciados e são perceptíveis durante a maioria das reportagens em frases como: “A temperatura subiu e as geleiras que sempre quebram no verão começaram a se desmanchar em um ritmo assustador”.

“No topo da África, um símbolo dessa tragédia. Durante seis dias caminhamos montanha acima: a 5850 metros de altitude, mostramos o espetáculo que se prepara para o seu ato final”.

“Encontramos a geleira de Eki, imensa, imponente, um paredão congelado se erguendo a 100 metros para fora da água. É um gigante que se desmancha diante dos nossos olhos”.

“Pedacos de gelo têm o tamanho de um ônibus. Um bloco tem o tamanho de um prédio de 10 andares. Até que a face inteira vem abaixo e afunda no mar. É um espetáculo lindo e assustador. O bloco que caiu tem a altura das torres do Congresso Nacional”.

“É uma imagem poética, que pode mudar os destinos de centenas de pessoas no planeta”.

“A velocidade com que a China chegar lá vai determinar o futuro do planeta”.

“Alguns graus a mais na água e tudo pode se perder”.

“Mudanças no clima sempre foram determinantes na história da humanidade. Agora, ameaçam também as janelas que nos permitem olhar o passado. Como a cidade de Machu Picchu, no Peru, Centro da civilização inca”.

“O aumento do nível dos oceanos já destrói paraísos isolados, avança pelo degrau de cidades históricas e deixa evidente que quando a proximidade com a água se torna uma ameaça, as chances favorecem quem tem tecnologia e dinheiro”.

“Dias de tormenta no paraíso. Vento forte, correntes que mudam e aos poucos, refazem o mapa das praias de Vanuatu, no Pacífico Sul”.

“Sem água e sem comida eles podem ser expulsos do paraíso, pagando por um pecado que outros cometeram, desmantelando uma cultura tão ligada a água que dela tira arte em forma de música. Até quando?”

“Já embaixo, a 3 mil metros a equipe de apoio se despede com uma melodia que ecoa na memória durante dias e ainda vai ecoar quando todas as neves do Kilimanjaro tiverem sumido”.

Não bastasse a construção de frases de efeito sensacionalista, na primeira matéria a jornalista Sônia Bridi abre a série em tom de indagação ao telespectador. (...) *a terra está aquecendo, as espécies ameaçadas. Somos nós os culpados? Terra, que tempo é esse? Por que o clima está mudando?*

O próprio nome da série associado consecutivamente ao termo clima não esclarece o telespectador sobre a diferença entre as duas palavras (tempo e clima) e gera uma dupla interpretação.

Nas reportagens como um todo se percebe a ausência das fontes nas informações utilizadas na matéria. Utilizam-se dados do IPCC, mas isso só fica claro a partir da sexta reportagem que trata do aumento do nível das águas em Veneza, na Itália e Vanuatu, no Oceano Pacífico quando os dados utilizados são de fato, creditados ao relatório. No geral são utilizados termos generalizados para creditar os dados contidos nas matérias. Expressões como “*os cientistas reconhecem*” e “*os cientistas se surpreenderam*” são comumente utilizados após a afirmação dos dados quando na realidade a fonte deve ser citada em sua totalidade para evitar informações soltas ou que passem a impressão de ser opinião do veículo ou do jornalista que emite a notícia.

Há uma tentativa de explicar em linguagem mais acessível o que é o efeito estufa, mas o pensamento esbarra exclusivamente no aspecto negativo do fenômeno quando a ciência reconhece que o mesmo foi de fundamental importância para o equilíbrio térmico e garantia de vida na terra. Tratando-se, portanto, de um fenômeno natural que vem sendo intensificado nos últimos anos.

Os pesquisadores ouvidos durante as reportagens representam ou defendem as ideias do IPCC. Há entrevistas com pesquisadores brasileiros, como Carlos Nobre, do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe) e estrangeiros como o físico Jay Swally, da National Aeronautics and Space Administration (NASA) e Mark Sereze, do National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA).

Percebe-se uma tentativa de mostrar a teoria dos estudiosos que defendem outras causas sem ser a antropogênica para o aquecimento global, os chamados “céticos”, quando relata, por exemplo, o escândalo dos e-mails ocorrido no ano de 2009, conhecido como *Climagate*. Mas ao invés de emitir o pensamento dessa linha de pesquisa de forma a equilibrar os discursos e ouvir os dois lados da temática, praticando o princípio da neutralidade e imparcialidade jornalística, há um discurso de opinião por parte da jornalista. Como ocorre na frase:

“Os cientistas ainda respondem aos argumentos dos que negam que o responsável pelo aquecimento global é o homem. Como os que dizem que a terra esquentou por causa da atividade vulcânica. É bem o contrário”.

O discurso jornalístico toma o lugar do discurso científico; a própria mídia passa a afirmar o que é verdadeiro e o que é falso em um assunto que até mesmo os cientistas divergem (MOSER e NETO, 2011, p. 3).

Dessa forma, para que o discurso pareça o mais neutro e isento possível se faz necessário dar mais espaço para a linha de pesquisa contrária as causas defendidas pelo IPCC, o que não aconteceu durante as reportagens exibidas.

Alguns pontos positivos foram observados no conteúdo mostrado, como a tentativa de aproximar o público brasileiro ao contexto mostrado nos países visitados, através de comparações que podem facilitar a aproximação do telespectador ao local que está sendo mostrado geograficamente na matéria. Como em:

“Estamos na Groelândia, 400 quilômetros ao norte do Círculo Polar Ártico. A maior ilha do mundo, uma área do tamanho dos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima juntos, é coberta por um manto de gelo de até três quilômetros e meio de espessura”.

Mas no geral, percebe-se que a discussão toma o caminho do espetáculo, com a utilização de termos que apontam para uma catástrofe ambiental com culpados, no caso, a sociedade que produz os gases que intensificam o efeito estufa. Há inclusive o uso de termos exagerados que não condizem com as imagens mostradas, como na frase:

*“O impacto provocou um **pequeno tsunami** que espantou as aves e foi perdendo força até chegar ao nosso barco, afastando 400 metros da geleira. Tanto quanto a visão, o barulho de trovão do gelo se quebrando impressiona”.*

Vale ressaltar que não há uma explicação clara para o telespectador sobre a escolha das cidades mostradas nas matérias, por que foram escolhidas? e em quais estudos foram baseados? Após analisar os vídeos percebe-se a fundamentação no IPCC, mas isso não fica claro para o telespectador, justamente pela carência em creditar os dados e os institutos de pesquisas que os levantaram.

A mensagem da última reportagem diz que é preciso consertar o problema, mas não se explica como, já que as alternativas, de produção de energia limpa, por exemplo, ficaram sob a responsabilidade dos governos de onde foram feitas as matérias e foram mínimas se comparadas ao contexto geral mostrado na série como um todo. Na última frase o discurso que resume o tom de opinião e ausência de alternativas:

“Nos 12 países pelos quais passamos as pessoas se perguntam: que tempo é este? Um tempo transformado pela ação humana. E a ação humana ainda pode impedir o pior”.

Considerações Finais

Os noticiários na televisão são concebidos como um espetáculo. São elaborados mais como entretenimento do que como informação, ou, pelo menos, para informar através do entretenimento. (FERRÉS, 1998). A série analisada neste trabalho reflete essa ideia de entretenimento associada ao jornalismo ao se valer de imagens, recursos sonoros e um discurso alarmista para chamar atenção do telespectador sobre as causas ligadas ao aquecimento global.

No entanto, faz-se necessário ir além da linguagem acessível e dos recursos audiovisuais. É preciso comunicar esse saber, traduzi-lo sem o peso do jargão ecológico-científico, torná-lo inteligível ao maior número de pessoas” (TRIGUEIRO, 2005).

(...) os discursos sobre o conhecimento científico do problema das mudanças climáticas, e sobre os interesses e valores nele envolvidos, criam “o ‘milieu’, o

meio ou ambiente, em que as decisões políticas são tomadas.” (CARVALHO, 1999, p.6). É nesse contexto que os jornalistas adquirem um papel importante ao reproduzir os discursos que circulam sobre o tema no espaço social. O sentido associado à questão na mídia também depende de seus profissionais, valores, formação e experiência, bem como da relação com suas fontes. (RUBIN, 2011, p. 20).

No entanto, essa temática precisa evoluir no sentido da produção jornalística e da própria relação entre jornalistas e cientistas, pois os profissionais parecem conhecer superficialmente o tema e não buscam novos olhares ou pontos de vista para a construção das notícias. O tempo passa e a impressão que se tem é que o discurso permanece o mesmo e pouco se evolui no sentido de produzir conteúdos que despertem a atenção do telespectador para novos olhares, pontos de vistas ou para o real sentido da produção do conhecimento científico que não possui uma verdade absoluta e está sempre em busca de avançar nas teorias nas mais diversas áreas.

No que diz respeito às mudanças climáticas, Carvalho (2011) concluiu em seu estudo que, enquanto alguns associam as alterações climáticas à investigação científica e a veem como uma questão complexa, outros a associam a estados do tempo. Assim, para os últimos, a saliência de questões relacionadas às alterações climáticas dá-se em função de ocorrências atmosféricas específicas.

(...) não se trata de negar, contudo, certa importância que até hoje as matérias sobre o assunto tiveram – e têm – no âmbito da divulgação de informações sobre meio ambiente, conferindo progressiva busca mundial de alternativas à poluição que o homem causa ao ambiente. Não se trata também, de tomar partido frente à existência, ou inexistência, do aquecimento global; ou julgá-lo ou não como fruto do homem, embora se saiba que o analista de discurso nunca é neutro em sua análise. Contudo, acredita-se após esta pesquisa que esse julgamento não cabe aos jornalistas, mas aos cientistas (MOSER e NETO, 2011, p.5).

Nesse caso, sugere-se uma mudança de foco da cobertura jornalística para outros temas de mesma relevância e que necessitam de uma discussão mais urgente, mas que a mídia só aborda em fatos isolados, como acontece com as temáticas da desertificação, perda de biomas, poluição das águas dos oceanos e tantos outros que necessitam de um diálogo e uma reflexão mais imediata em função das profundas alterações ambientais que estão ocorrendo, mas que a mídia parece só lembrar próximo ou durante a realização das grandes conferências.

A questão das mudanças climáticas precisa, portanto, passar por uma apreciação mais refinada a fim de que se possa determinar, com maior consistência, o papel da natureza e o da ação humana no processo, mesmo porque as duas esferas podem atuar de forma solidária e intercambiar influências. Cenários de catástrofes, freqüentemente apresentados na mídia de

forma simplista, sem o necessário questionamento, devem ser descartados, pois, seguramente, o planeta não está caminhando para o colapso, em curto prazo, e ainda não dispomos de informações seguras para previsões muito distantes (CONTI, 2005, p. 74).

É preciso avançar, propor o diálogo entre essas áreas de conhecimento para que a população possa se valer do real significado e entendimento dessas questões. A população necessita de conteúdos mais neutros e imparciais para orientá-la de maneira mais ética e cidadã em assuntos que são do seu interesse. Da forma que está, conforme defende Oliveira (2002), a cobertura jornalística nessa área não oferece ao público informações que o orientem, por exemplo, sobre como participar ou influir nas decisões políticas que são tomadas.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, A. (Org). As Alterações Climáticas, os Media e os Cidadãos. Coimbra: Grácio, 2011.

CONTI, J. B. Considerações sobre as mudanças climáticas globais. São Paulo, 2005. Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, vol. 16, p. 70-75. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/rdg/ojs/index.php/rdg/article/view/53/43>> Acesso em: 20 de julho de 2012.

CURADO, O. A notícia na TV – o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo. São Paulo: Alegro, 2002.

ERBOLATO, M. L. Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário. 5. ed. São Paulo : Ática, 1991.

FERRÉS, J. Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas. Trad. Ernani Rosa e Beatriz Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). Climate Change 2007: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva, Switzerland, 104p. Disponível em: <http://www.ipcc.ch/publications_and_data/publications_ipcc_fourth_assessment_report_synthesis_report.htm>. Acesso em: 2 de julho de 2012.

MOLION, L. C. B. Aquecimento Global: Uma visão crítica. Maceió, Alagoas. Agosto de 2008. Revista Brasileira de Climatologia, Vol. 2, p. 71-86. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistaabclima/article/viewFile/25404/17024>> Acesso em: 10 de julho de 2012.

MOSER, L. C.; NETO, H.I. C. S. O aquecimento global na revista Veja: deslizamento de sentidos entre catastrofistas e céticos. Santa Catarina, 2011. Disponível em: <www.cienciasdalinguagem.net/enelin> Acesso em: 10 de julho de 2012.

OLIVEIRA, F. de. *Jornalismo Científico*. São Paulo:Contexto, 2002.

PEREIRA JÚNIOR, A. E.V. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUC - RS, 2003.

PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hackers Editores, 1999.

RUBIN, A. *Da previsão do tempo às catástrofes: os valores-notícia dos acontecimentos climáticos no jornal zero hora (rs)*. Dissertação de Mestrado. 2011. Santa Maria, RS.

SQUIRRA, S. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense,1993.

TEODORO, P. H. M.; AMORIM, M. C. T. *Mudanças Climáticas: Algumas Reflexões*. Agosto de 2008. *Revista Brasileira de Climatologia*, vol. 2, p. 25-35. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistaabclima/article/viewFile/25405/17025>> Acesso em: 10 de julho de 2012.

TRAQUINA, N. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999.

TRIGUEIRO, A. *Mundo sustentável*. São Paulo: Globo, 2005.